



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



Eixo Temático: Educação, diversidade e inclusão

A LINGUAGEM COMO SIGNIFICANTE DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DOS CORPOS

Maicon William Paludo¹
Martin Kuhn²

RESUMO

A reflexão tem por objetivo discorrer sobre o processo de construção dos corpos, tomando o campo linguístico como ponto de referência e entendendo os corpos como artefatos culturais atravessados por tradições e ações simbólicas. A questão que orienta a discussão foi assim formulada: Como a linguagem produz os corpos a partir de seus próprios simbolismos linguísticos? O esforço para responder ao questionamento ocorre por meio da atribuição e significação de alguns conceitos, entre eles: linguagem, discurso, corpo e cultura. A reflexão aqui exposta trata-se de um ensaio teórico-bibliográfico e dialoga com autores como Kuhn e Arenhart (2023), Santos (2023), Hall (2016), Berticelli (2010) e Bondía (2002). Apresenta-se como tese a compreensão de que os corpos são construções complexas constituídas por significações simbólicas e culturais.

Palavras-chave: Corpo. Cultura. Linguagem.

INTRODUÇÃO

A reflexão tem por objetivo discorrer sobre o processo de construção dos corpos, tomando o campo linguístico como ponto de referência e entendendo-os como artefatos culturais atravessados por tradições e ações simbólicas. A questão que orienta a discussão foi assim formulada: Como a linguagem produz os corpos a partir de seus próprios simbolismos linguísticos? O esforço para responder ao questionamento ocorre por meio da atribuição e significação de alguns conceitos, entre eles: linguagem, discurso, corpo e cultura - sempre considerando a historicidade presente nos termos utilizados.

¹ Maicon William Paludo. Mestrando em Educação pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), com bolsa CAPES. Contato: m.paludo@unochapeco.edu.br.

² Martin Kuhn. Doutor em Educação pela UNIJUI. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). Contato: markt@outlook.com.br.



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



Parte-se da reflexão proposta por Kuhn e Arenhart (2023) sobre a importância da linguagem no processo de formação e socialização dos indivíduos, sendo por meio dela que exercemos “[...] a educação das novas gerações e as inscrevemos no mundo comum. É por seu intermédio que nos humanizamos, nos apropriamos das coisas dos humanos, produzimos a própria existência e compreendemos o mundo. Significa que fundamos o mundo humano no âmbito da linguagem [...]” (Kuhn; Arenhart, 2023, p. 2).

No mesmo caminho argumentativo, em uma entrevista de 2002, Judith Butler considera que “[...] discursos [...] habitam corpos. Eles se acomodam em corpos; os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue. E ninguém pode sobreviver sem, de alguma forma, ser carregado pelo discurso” (Prins; Meijer, 2002, p. 163). A filósofa destaca ainda que, apesar desta centralidade discursiva, a materialidade dos corpos não é negada ou abstraída, muito pelo contrário, o que existe é mais uma relação de diálogo e complementaridade do que de oposição.

Nesse sentido, as questões culturais são evidenciadas, uma vez que “nenhuma cultura poderia existir sem sociedades. Mas, igualmente, nenhuma sociedade poderia existir sem cultura. Sem cultura não seríamos sequer ‘humanos’ [...]” (Giddens, 2005, p. 38). O percurso reflexivo está organizado em dois momentos: o primeiro movimento expõe os conceitos de linguagem, discurso e a constituição dos corpos a partir deles. Na sequência, o segundo movimento aprofunda o entendimento de cultura e de corpo. Finalmente, apresenta-se como tese a compreensão de que os corpos são construções complexas constituídas por significações simbólicas e culturais. De modo que os conceitos de linguagem, discurso e cultura são intimamente ligados e atravessados por significações e convenções históricas, assim como o conceito de corpo é atravessado por estes.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A reflexão aqui exposta trata-se de um ensaio teórico-bibliográfico e dialoga com autores como Kuhn e Arenhart (2023), Santos (2023), Hall (2016), Berticelli (2010), Bondía (2002), além de outros autores que já se debruçaram sobre a temática discutida. Procura



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



orientar-se em uma perspectiva pós-estruturalista, dialogando com a temática destacada anteriormente.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Discurso e linguagem como significantes culturais

Partindo da compreensão de Hall (2016, p. 17), a linguagem pode ser compreendida como “[...] o meio privilegiado pelo qual ‘damos sentido’ às coisas, onde o significado é produzido e intercambiado. Significados só podem ser compartilhados pelo acesso comum à linguagem”. Sendo essencial para a compreensão e o estabelecimento dos sentidos. Kuhn e Arenhart (2023) entendem esse conceito de modo parecido, ao destacarem ser “[...] pela linguagem que nomeamos as coisas e lhes atribuímos predicados. É também por ela que nos pronunciamos sobre as coisas e nos entendemos com os outros no e acerca do mundo. Nesse sentido, o ser das coisas se desvela (e se vela) no horizonte da linguagem compartilhada” (Kuhn; Arenhart, 2023, p. 3-4).

Certamente, o conceito de *linguagem* é amplo e fornece diversas possibilidades interpretativas, no entanto, no momento aponto para o que Kuhn e Arenhart (2023) chamaram de *linguagem compartilhada*, no parágrafo anterior. Tal expressão, por si só, é significativa pois remete ao fato de sua existência só ser possível em relação a algum outro, justamente por seu caráter social. Os autores ainda vão além ao reforçarem que:

O acesso ao ser/estar-aí se dá mediante a condição de estarmos sempre mergulhados na linguagem. Bem mais que um meio pelo qual, a linguagem é um meio no qual podemos acessar o ser das coisas. Se um fenômeno não foi descoberto é porque não foi tocado pela linguagem. Uma vez inscrito na linguagem pode voltar a encobrir-se, a entulhar-se, a velar-se, o que requer que se interrogue novamente pelo seu ser (Kuhn; Arenhart, 2023, p. 4).

Para Hall (2016), ela atua como uma forma de sistema operacional, uma vez que, a partir dela “[...] fazemos uso de signos e símbolos - sejam eles sonoros, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais e até objetos - para significar ou representar para outros indivíduos nossos conceitos, ideias e sentimentos” (Hall, 2016, p. 18). Dessa forma, o autor considera que a linguagem “[...] é um dos ‘meios’ através do qual pensamentos, ideais e sentimentos são



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



representados numa cultura. A representação pela linguagem é, portanto, essencial aos processos pelos quais os significados são produzidos” (Hall, 2016, p. 18).

Além disso, Berticelli (2010, p. 69) defende que o entendimento da linguagem decorre de sua centralidade “[...] na produção social e das significações”. De tal forma que, atualmente, não é mais possível “[...] sustentar com bom e sólido argumento que a linguagem esteja no horizonte da filosofia, das ciências sociais e dos saberes; estas é que estão no [seu] horizonte” (Berticelli, 2010, p. 69). Da mesma forma, o processo educativo é compreendido como um fenômeno cultural acessado por intermédio de simbolismos linguísticos - sempre considerando a provisoriedade e historicidade dessas compreensões (Kuhn; Arenhart, 2023). Para Bondía,

O homem é um vivente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra (Bondía, 2002, p. 21).

Assim, a construção do ser humano e todas as suas nuances como efeitos discursivos não é incerta, contanto que também haja o entendimento de que compreender que “[...] o sexo e o corpo são efeitos discursivos não implica negar a existência da carne, do sangue, da dor, mas, sim, considerar que a materialidade do corpo e sua significação cultural são inextricavelmente imbricadas” (Borba, 2016, p. 450). Até porque, como destaca Hall (2016, p. 41-42), “O sentido *não* está no objeto, na pessoa ou na coisa, e muito menos *na* palavra. Somos nós que fizemos o sentido tão firmemente que, depois de um tempo, ele parece natural e inevitável. O *sentido é construído pelo sistema de representação*”, esse “[...] construído e fixado pelo *código*, que estabelece a correlação entre nosso sistema conceitual e nossa linguagem [...]” (Hall, 2016, p. 41-42).

Segundo o mesmo autor, o conceito de representação cumpre uma função importante “[...] no estudo da cultura. Afinal, a representação conecta o sentido e a linguagem à cultura” (Hall, 2016, p. 31). De tal forma que, a concepção de cultura pode ser compreendida “[...] nos termos desses mapas conceituais compartilhados, sistemas de linguagem compartilhada e *códigos que governam as relações de tradução entre eles*” (Hall, 2016, p. 42). Nas palavras de Berticelli (2010, p. 259), “[...] a palavra cultivada torna-se



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



cultura”. Percebe-se assim, a relação intrínseca que cultura e linguagem desempenham no processo de atribuição de significados e convenções.

Cultura e corpo: entendendo os conceitos

Assim como qualquer outro conceito social, o termo *cultura* é histórico e dotado de diversas significações, podendo ser considerado um dos mais complexos do campo das ciências humanas e sociais (Hall, 2016). Segundo o sociólogo Stuart Hall (2016, p. 19), “[...] a palavra ‘cultura’ passou a ser utilizada para se referir a tudo o que seja característico sobre o ‘modo de vida’ de um povo, de uma comunidade, de uma nação ou de um grupo social - o que veio a ser conhecido como a definição ‘antropológica’”. No mesmo texto, o autor apresenta outras variações históricas do termo, como *alta cultura* e *cultura de massa* ou *popular*, no entanto, para este momento seu uso será mais aproximado das definições atuais propostas pela sociologia e antropologia.

Nesse sentido, “[...] a palavra também passou a ser utilizada para descrever os ‘valores compartilhados’ de um grupo ou de uma sociedade - o que de certo modo se assemelha à definição antropológica, mas com uma ênfase sociológica maior” (Hall, 2016, p. 19). Da mesma forma, Giddens (2005) compreende que a cultura tem relação com as formas de vida dos integrantes de uma sociedade, ou mesmo, dos grupos dentro da sociedade. No entanto, destaca-se que ela “[...] não é tanto um conjunto de *coisas* - romances e pinturas ou programas de tv e histórias em quadrinhos -, mas sim um conjunto de práticas. Basicamente, [...] diz respeito à produção e ao intercâmbio de sentidos - o ‘compartilhamento de significados’ [...]” (Hall, 2016, p. 19-20).

De modo correlato, Giddens (2005, p. 38) salienta que apesar de, conceitualmente, *cultura* poder ser diferenciada de *sociedade*, existem relações entre elas, uma vez que uma sociedade, para o autor, é “[...] um sistema de inter-relações que conecta os indivíduos uns com os outros”. Contudo, “[...] os significados culturais não estão somente na nossa cabeça - eles organizam e regulam práticas sociais, influenciam nossa conduta e, conseqüentemente, geram efeitos reais e práticos” (Hall, 2016, p. 20), ou seja, não trata-se abstrações, compreende “[...] tanto aspectos intangíveis - as crenças, as ideias e os valores que



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



formam o conteúdo da cultura - como também aspectos tangíveis - os objetos, os símbolos ou a tecnologia que representam esse conteúdo” (Giddens, 2005, p. 38). Nas palavras de Hall:

A cultura, podemos dizer, está envolvida em todas essas práticas que não são geneticamente programadas em nós (diferentemente do movimento involuntário do joelho ao ser estimulado por um martelo), mas que carregam sentido e valores para nós, que precisam ser *significativamente interpretadas* por outros, ou que *dependem do sentido* para seu efetivo funcionamento. A cultura, desse modo, permeia toda a sociedade. Ela é o que diferencia o elemento ‘humano’ na vida social daquilo que é biologicamente direcionado. Nesse sentido, o estudo da cultura ressalta o papel fundamental do domínio *simbólico* no centro da vida em sociedade (Hall, 2016, p. 21).

Além disso, o sentido também é formado “[...] sempre que nos expressamos por meio de ‘objetos culturais’, os consumismos, deles fazemos uso ou nos apropriamos; isto é, quando nós os integramos de diferentes maneiras nas práticas e rituais cotidianos e, assim, investimos tais objetos de valor e significado” (Hall, 2016, p. 22). Na mesma direção, “[...] regulam e organizam nossas práticas e condutas: auxiliam no estabelecimento de normas e convenções segundo as quais a vida em sociedade é ordenada e administrada” (Hall, 2016, p. 22).

Assim sendo, entendendo a dimensão e influência dos significados culturais no estabelecimento de sentidos - coletivos - e tendo compreensão de que esse processo não trata apenas de questões exteriores ao ser humano. Muitos autores interpretam o corpo como cultural e atravessado por significações, principalmente considerando que a “[...] discussão sociológica tem buscado compreender a noção de pessoa como uma agência que reivindica prioridade ontológica aos vários papéis e funções pelos quais assume viabilidade e significado sociais” (Butler, 2021, p. 42).

Nesse caminho, como indivíduos, “[...] somos corpóreos - todos possuímos corpo. Mas o corpo não é só algo que possuímos e não é só algo físico que existe fora da sociedade. Nossos corpos são profundamente afetados por nossas experiências sociais [...]” (Giddens, 2005, p. 130). Segundo Le Breton (2016) o corpo também é uma construção social e cultural, “[...] cuja ‘realidade última’ nunca é dada [...] emaranha-se, com suas *performances* e seus componentes, na simbólica social” (Le Breton, 2016, p. 226). Para o antropólogo, esse *simbolismo social* seria a “[...] meditação pela qual o mundo humaniza-se, alimenta-se de



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



sentido e valores, e torna-se acessível à ação coletiva. É da natureza do corpo ser metáfora, ficcional operante” (Le Breton, 2016, p. 226).

A palavra, o rito ou o corpo bebem aqui da mesma fonte. Sua matéria-prima é comum: o tecido simbólico. Apenas diferem os pontos de imputação. Se o símbolo (o rito, a oração, a palavra, o gosto...), mediante certas condições, age com eficácia, embora pareça, a princípio, de uma natureza diferente do objeto sobre o qual ele se aplica (o corpo, a desgraça, etc.), é que ele vem mesclar-se, como água na água, à espessura de um corpo ou de uma vida que são eles mesmos tecidos simbólicos (Le Breton, 2016, p. 228).

Além disso, é válido considerar que quando os “[...] discursos sobre o corpo nos falam de promessas, falam de nós. No entanto, mais do que falar, mais do que descrever como somos, eles nos produzem, nos instituem como sujeitos desse tempo” (Santos, 1999, p. 202). Em suma, reforçamos que considerar o âmbito simbólico das corporeidades não significa negar sua construção e nem suas materialidades, muito pelo contrário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso argumentativo reflete acerca da construção dos corpos utilizando o campo linguístico como ponto de referência. Como foi possível compreender a partir das teses sustentadas pelos autores citados acima, o processo de constituição dos corpos é complexa e dotada de significações simbólicas e culturais. Sendo capaz de existir “[...] uma pluralidade de corpos como há uma pluralidade de culturas” (Le Breton, 2016, p. 226). Os conceitos de linguagem, discurso e cultura são intimamente ligados e atravessados por significações e convenções históricas, assim como o conceito de corpo que estes produzem.

Apesar do êxito simbólico existente no processo de construção dos corpos por meio de seus simbolismos linguísticos, não se nega a materialidade das representações, bem como suas decorrências. Além disso, é válido destacar o caráter educativo intrinsecamente existente nesse processo, apesar de não terem sido citadas diretamente, as instituições educativas certamente constituem uma parte fundamental na produção dos corpos, principalmente considerando o espaço escolar como lugar para o diálogo e construção coletiva de novas formas de compreensão do mundo.



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



REFERÊNCIAS

BERTICELLI, Ireno Antônio. **Educação em perspectivas epistêmicas pós-modernas**. Chapecó: Argos, 2010.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência se o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC>. Acesso em: 14 fev. 2024.

BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 43, p. 441-473, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-8333201400430441>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645172>. Acesso em: 10 fev. 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 21. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

KUHN, Martin; ARENHART, Livio Osvaldo. Indagação acerca dos sentidos do fenômeno educativo. **Revista Educação Questão**, Natal, v. 61, n. 68, e-31811, abr./jun. 2023. p. 1-24.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costa. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 155-167, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100009>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100009>. Acesso em: 10 fev. 2024.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. Pedagogias do corpo: representação, identidade e instâncias de produção. In: SILVA, Luiz Heron da (org.). **Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo?** 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 194-212.